



História da magia? Historiografando técnicas de outras epistemes

History of magic? Historiographing techniques of other epistemes

Marcelo Raphel Rocha BICHARA

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro
marcelorrbichara@gmail.com

Carlos Benevenuto Guisard KOEHLER

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro
cbgk@uol.com.br

Nilton Sousa da SILVA

Programa de Pós-graduação em Psicologia, Departamento de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
niltonpsi@ufrj.br

Abstract. *This article presents the summary of a doctoral thesis closed to conclusion in HCTE. From an empirical analysis of different religious afroindigenous groups in the state of Rio de Janeiro, we have come to the conclusion that the History of Medicine in Brazil and the History of Magic are intimate entangled. Our argument follows then unraveling the development of psychoanalysis in Europe, its precursors and later developments, to show that this phenomenon is not in any way cultural or localized, but universally human. Defending the paradigm started by Frances Yates in her study of the Renaissance counterculture, we also present the contributions of Cheik Anta Diop and some researchers of HCTE, that has inquired about this problem recently. Transposing our research to a transdisciplinary perspective, it became more evident our argument that the scientific reason and the technological development are not, and never will be, untied from magical thinking and mystical experiences. Scientific progress is not a departure*



from this archaic human matrix, but rather its continuous reification. The History of sciences and techniques are also a History of Magic.

Keywords: Umbanda. Mesmerism. Psychic Energy. Complex Psychology. Yates Paradigm.

Resumo. Este artigo apresenta resumidamente a trajetória de pesquisa que delineia uma tese de doutorado em vias de conclusão no HCTE. Parte-se de uma análise empírica de grupos religiosos de matriz afroindígena no Rio de Janeiro para a constatação de que a história da medicina no Brasil e a história da magia estão intimamente entrelaçadas. Expandimos nosso argumento debruçando o desenvolvimento da psicanálise na Europa, seus precursores e desdobramentos, para mostrar que tal fenômeno não é de modo algum cultural ou localizado, mas universalmente humano. Defendendo o paradigma de pesquisa iniciado por Frances Yates em seu estudo sobre a contracultura do Renascimento, apresentamos ainda as contribuições de Cheik Anta Diop e a de pesquisadores do HCTE, que têm se debruçado recentemente sobre o problema. Transpondo nossa pesquisa para um olhar transdisciplinar, tornou-se ainda mais evidente o nosso argumento de que a razão científica e o desenvolvimento tecnológico não estão, nem estarão nunca desvinculados do pensamento mágico e das experiências místicas. O progresso científico não é um afastamento dessa matriz arcaica humana, mas sim a sua contínua reificação. A história das ciências e das técnicas é também uma História da Magia.

Palavras-chave: Umbanda. Mesmerismo. Energia Psíquica. Psicologia Complexa. Paradigma Yates.

Recebido: 04/04/2023 Aceito: 08/05/2023 Publicado: 20/12/2023

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.400

1. Introdução

O primeiro esboço deste trabalho foi traçado oito anos atrás em 2014, durante uma pesquisa de campo em psicologia complexa, no mestrado em Psicologia da UFRRJ (BICHARA, 2015). Em nossa publicação posterior, no capítulo “Religião, medicina e inquisição: um ensaio sobre os conhecimentos que circulam nas tradições afro-brasileiras” (BICHARA & SILVA, 2019)¹, argumentamos que a historiografia das religiões afroindígenas no Brasil desconstrói a noção binária reducionista, onde o Ocidente tentou enquadrar as *epistemologias do Sul* (SANTOS, 2019), colocando-as “entre a cruz e a espada” – ou se produz ciência ou se pratica religião.

Qualquer pesquisa rigorosa sobre o processo histórico de formação da tríade Umbanda-Candomblé-Daime no Brasil, vai se deparar com o duplo movimento dialético que produziu o sincretismo popular brasileiro: por um lado, uma prática tradicional de curandeirismo popular, de origem africana, ameríndia e também europeia; e por outro lado o processo católico de

¹ Capítulo 2 do livro “Educação não formal em espaços religiosos: relações entre ciência, educação e religião”, organizado pela professora dra. Lana Fonseca (UFRRJ).

inquisição instaurado não pela Igreja, mas pelo próprio Estado “laico”, com plena regularidade no Brasil Imperial novecentista e se prolongando por várias décadas do século XX. Essas duas forças opostas produziram um intenso fluxo de saberes, de técnicas e práticas (*sincretismo mágico*) entre as diferentes comunidades, que diante da criminalização de sua medicina tradicional, viram-se diante da necessidade histórica de assimilação: cobriram seus símbolos arcaicos com um manto católico, adequando-se aos moldes do que o Ocidente aceitaria como “religião”, e sob o rótulo da “crença”, legitimaram a sua medicina ancestral com o nome de Umbanda (mbanda significa “xamã” ou “curandeiro” em banto). Do mesmo modo, o candomblé brasileiro muito claramente não é “apenas” uma “religião”, como é classificado atualmente pela lei dos brancos no Brasil; mas sim todo o sistema cultural da África negra, importado para o Brasil pela escravidão, sobrevivendo aqui sob o rótulo ocidental de “religião”.²

Embora a maioria dos autores contemporâneos afirmem que a palavra “religião” vem do latim *religare*, o mesmo não é verdade (JUNG, 2003, p. 227). Sua verdadeira origem está no verbo *religere*, uma palavra em latim que mantém o seu significado original em português, quando usamos a expressão: “certa pessoa faz determinada ação *religiosamente*”, ou seja: metodicamente, segundo um ritual rigoroso, meticoloso, que deve ser observado nos mínimos detalhes (“relido” seria uma tradução literal), caso se deseja obter o resultado que tal prática propicia. Vemos desde a raiz etimológica da palavra “religião”, sua relação profunda e pouco abordada com as técnicas e práticas de conhecimento, o que na ciência ganha o nome moderno de “método”. O oposto de religião não é, portanto, a descrença ou a desconexão, mas sim a negligência (*neglegere*): a não observância e o descuido com aquilo que é importante à vida.

Nosso argumento desde então tem sido este: a separação historiográfica entre o que seria de um lado, a História das Ciências e das Técnicas, e de outro a História das Religiões e das Crenças, é tão somente uma divisão ideológica sobre o processo de produção do conhecimento humano. Quanto mais aprofundamos nossa investigação sobre a história das ideias, mais claramente fica evidenciado que este corte epistêmico visa jogar para fora da história do progresso tecnológico e científico, a influência e a participação inegável que todas as civilizações do mundo tiveram e continuam tendo no caminhar da humanidade.

Magia, religião e ciência não são etapas no desenvolvimento do conhecimento, como defendia o positivismo de Comte e toda a antropologia que se seguiu a partir daí (TYLOR, 1920 [1871]; FRAZER, 1983 [1890]; DURKHEIM, 1996 [1912] e MAUSS, 1996 [1950]). À medida que a pesquisa científica sobre a história da magia foi se avolumando, tornou-se mais claro que não se trata de modo nenhum de um processo evolutivo da magia à religião organizada e desta para a ciência positiva (os positivistas reconheciam que os três níveis conviviam lado a lado, mas consideravam isso um problema social sério, que não sabiam como resolver). O que os dados históricos mostram é uma evolução técnica, isto é, um progresso tecnológico que se torna possível

² Para maiores detalhes sobre a raiz cultural ioruba, ver: “A unidade cultural da África negra” (DIOP, 2014 [1982]).

unicamente a partir deste entrelaçamento vital, entre as diferentes visões de mundo que a imaginação é capaz de conceber, e as práticas objetivas que a criatividade inventa para fins pragmáticos e que se perpetuam numa dada cultura, ganhando novos contornos à medida que a linguagem vai evoluindo e se tornando mais abstrata.³

2. Do mesmerismo à psicologia: a “umbandização” dos germânicos

A história do médico alemão Franz Anton Mesmer (1734 - 1815) é outro importante exemplo da tese que tentamos expor neste artigo. Na importante pesquisa histórica do psiquiatra canadense Henri Ellenberger, para o seu livro já clássico sobre as origens xamânicas da psiquiatria (ELLENBERGER, 1994 [1970]), o médico historiador nos revela como Mesmer desenvolveu sua técnica catártica a partir do exorcismo cristão, adaptando seus efeitos pragmáticos para uma nova explicação, que se pretendia científica, e para isso recorria à teorização de uma energia cósmica ou “magnetismo animal”, tal como a “eletricidade animal” supunha-se ser a responsável pelo movimento dos músculos. Uma elaboração científica para uma prática religiosa possibilitou um sincretismo mágico entre religião e medicina no coração do Iluminismo. E a história da hipnose nasceu assim, em muitos aspectos teóricos e práticos semelhante à Umbanda brasileira: com um pé de um lado e do outro na encruzilhada dos saberes.

A Psicanálise e seus desdobramentos que virão no século seguinte são o resultado de outro sincretismo mágico feito mais tarde pelo neurologista e hipnotizador austríaco Sigmund Freud (1856 - 1939). A interpretação dos sonhos ganha uma elaboração positivista e permite ao médico licenciado legitimar uma prática mágica em seu consultório, sem poder ser acusado de “crime de magia” pelos pares. Nem sempre, é claro, a estratégia funciona. Mas a tarefa do historiador da ciência não é julgar a priori, “por cima da história”, o que é ou não científico, como queriam Popper e a turma do positivismo lógico. Nossa tarefa como historiadores e epistemólogos é descrever empiricamente como a ciência nasce necessariamente nesta encruzilhada, de onde nunca consegue efetivamente se desvencilhar.

Da mesma forma, a epistemologia complexa de Carl Gustav Jung (1875 - 1961), outro médico germânico, tipicamente suíço, permite ao psicólogo licenciado contemporâneo abrir cartas de Tarot e horóscopos astrológicos no consultório, bem como acompanhar pacientes em estado psicodélico, sem que ele possa ser acusado de praticar magia em lugar de psicologia. A mesma prática, a mesma técnica, lida por outro sistema inteiramente diferente de pensamento, transforma um princípio mágico em hipótese científica.

Hoje muitas técnicas de psicoterapia corporal consideradas “científicas”, aplicam rituais milenares de outras culturas, germinadas em terreno fértil dito “religioso”. Mas ninguém hoje

³ Para maiores detalhes deste processo, ver: “The scientification of religion: an historical study of discursive change (1800-2000)” (STUCKRAD, 2014).

em dia pode ser acusado de praticar magia no consultório, se instrui seu paciente a transformar sua mente controlando a respiração. Na França positivista do século XIX, no entanto, isso era considerado “magia negra hindu”, suspeita de levar seus praticantes lentamente ao delírio e à morte (LEVI, 2019 [1859], p. 69-75). Afinal, que relação mágica poderia existir entre o espírito transcendente, o corpo material e seu ambiente? Certamente tal ideia deve ser coisa do Diabo...

Não por acaso, o primeiro trabalho publicado no Ocidente sobre a História da Magia foi escrito por outro médico alemão, entusiasta do mesmerismo (HANEGRAFF, 2013). Em seu livro pioneiro “A História da Magia” (1844), Joseph Ennemoser pretendia demonstrar que todos os fenômenos considerados mágicos ou milagrosos por “povos primitivos”, eram na verdade fenômenos mesméricos de alguma ordem. Segundo o médico, esses fenômenos todos estavam ligados ao “lado noturno da natureza”, havendo duas formas distintas de conhecer: o conhecimento cerebral e científico, e um outro “cardíaco”, gnóstico.

A psicologia complexa de C. G. Jung neste sentido, situa-se numa dupla encruzilhada, acusada pela própria psicanálise de mergulhar no ocultismo de onde deveria se desvencilhar. Seu conceito de energia psíquica (JUNG, 2010 [1928]), por exemplo, só foi possível graças a um elaborado sincretismo mágico transdisciplinar, entre os seus estudos sobre a homeostase na biologia, as transformações da libido na psiquiatria e o funcionalismo arcaico na antropologia dos rituais mágicos. Ao elaborar o conceito de inconsciente psicoide a partir do paradigma mágico-científico da alquimia, Jung (1990 [1956]) transita finalmente de uma mente abstrata para a concretude de uma natureza viva criadora de si, igualando a dinâmica energética do cosmos à dinâmica psíquica do inconsciente coletivo. Sua epistemologia abandona assim o dualismo transcendental entre mente e corpo (medicina cartesiana moderna, centrada na consciência do Eu), para representar uma dualidade imanente psique-matéria: lados opostos de uma mesma moeda (Deus, ou seja, a Natureza) abrindo com isso a possibilidade de uma medicina psicossomática, social e ecológica: centrada na dinâmica do sistema como um todo, isto é, o inconsciente coletivo entendido aqui como a manifestação psicofísica de uma propriedade holística da matéria, da energia e dos sistemas vivos autorregulados (inconsciente psicoide). Magia e complexidade são também quase sinônimos.

3. Yates e Diop: um novo paradigma na História das Ciências

Uma nova mentalidade começou a ganhar forma na elite intelectual europeia ao redor de C. G. Jung a partir da década de 1920. No ardente ano de 1933 em Ascona, na Suíça, essa atmosfera deu origem ao Círculo de Eranos, conferências privadas que reuniam mentes importantes da

física, da medicina, da sociologia, e de muitas outras áreas, interessados num diálogo transdisciplinar entre os saberes.⁴

Na perspectiva do historiador Wouter Hanegraff (2014), a mentalidade do Círculo de Eranos marca, não o momento em que a Academia ocidental decide coletivamente investigar e levar a sério assuntos considerados tabus e exóticos, mas sim o momento em que a própria mentalidade mágica escapa dos círculos do mesmerismo e se infiltra de volta no coração do Ocidente.⁵ Segundo o historiador, este é o berço intelectual da contracultura do século XX, da revolução psicodélica do pós-guerra e da espiritualidade New Age contemporânea.

Em sincronicidade com a efervescência dos anos 1960, o instigante trabalho da historiadora inglesa Francis Yates (1899 – 1981) muda tão radicalmente o campo da História das Ciências, que atualmente podemos dizer que o seu trabalho instaura o Paradigma Yates no estudo do “esoterismo ocidental” (a relação entre ciência, magia e filosofia no Ocidente). Wouter Hanegraff, cunhador do termo, o propõe justamente na medida em que acredita que o seu próprio trabalho tem como finalidade “superar o paradigma Yates” (HANEGRAFF, 2001). O pesquisador é fundador e diretor do “Departamento de Filosofia Hermética e Assuntos Correlatos” (criado em 1999 na Universidade de Amsterdã) e acusa seus antecessores de erros que a sua escola agora promete abolir. Aos intelectuais do Círculo de Eranos, ele acusa de terem confundido a pesquisa científica e histórica rigorosa sobre a magia com o próprio pensamento mágico, acusando-os mesmo de tentarem defender a magia como uma forma legítima de ciência. À Francis Yates e seus seguidores, ele acusa de quererem ver na contracultura do Renascimento, um análogo medieval da contracultura do século XX. Em seu clássico estudo sobre a influência da magia e do hermetismo no nascimento da ciência, Yates (1964) ficou convencida de uma tese semelhante a que tentamos expor aqui: a de que a história da ciência e a história da magia são uma só e mesma coisa. Isto foi verdade na era de Newton e Giordano Bruno, mas também continua e continuará sendo em todas as eras.

As duas grandes metáforas que Hanegraff utiliza para ilustrar de que modo a sua escola inaugura uma abordagem mais objetiva e “empírica” são: a queda do muro de Berlim e a educação sexual. Ele diz que o Paradigma Yates só teve o sucesso que teve em sua época, porque a Europa dividida pelo muro de Berlim ainda estava embalada pelas promessas das grandes narrativas totalizantes da modernidade: marxismo, psicanálise, darwinismo social, hegelianismo. Mas depois da queda do muro, segundo o autor, não faria mais sentido a interpretação apaixonada de Yates, que queria ver no misticismo dos primeiros cientistas, a força criativa que os impulsionava a querer fazer ciência. Para o historiador, não há causalidade nesta relação, a magia entraria na história apenas como parte das crenças correntes numa dada época, não

⁴ Os nomes mais famosos que participaram de encontros no Círculo de Eranos são: Carl Gustav Jung, Wolfgang Pauli, Erwin Schrödinger, Niels Bohr, Mircea Eliade, Jakob von Uexküll, Rudolf Otto, Richard Wilhelm, Joseph Campbell, Antoine Faivre, Marie Louise Von Franz, James Hillman, Heinrich Zimmer e Erich Neumann.

⁵ Ver GOODRICK-CLARKE (1993) sobre como o pensamento mágico do esoterismo orientalista germânico deu origem ao Nazismo na Alemanha, em sincronicidade com o fenômeno de Eranos na Suíça.

como o motor do progresso científico. Quanto aos profissionais de Eranos, Hanegraff os compara a educadores sexuais que passaram dos limites acadêmicos, como se abusassem de seus alunos ao invés de simplesmente ensinarem sobre o tema de um ponto de vista teórico.

Quanto a essas duas metáforas, podemos dizer que seria realmente trágico se a nossa ciência sobre a sexualidade fosse feita unicamente por eunucos e celibatários, interessados no assunto somente do ponto de vista teórico. E quanto ao Muro de Berlim, o que podemos responder como pesquisadores brasileiros, latino-americanos, é que do lado de cá do oceano nunca houve um muro. De modo que a sua queda não representa grande coisa como marco na mentalidade brasileira. Por aqui, seguimos com o realismo mágico dos poetas, pois entendemos que:

[...] as ideias fundamentais da física e da matemática não são coisas puramente racionais; muitas vezes tem origem misteriosa. A ideia do zero, por exemplo, era uma coisa absolutamente natural para os indianos, sobretudo para o budismo, que achava que o vazio era a coisa mais importante. [...] Certamente, essas ideias surgiram de considerações não físicas. Elas devem ter vindo de considerações filosóficas, religiosas, talvez como o zero da Índia que era o Nirvana. O zero não podia ser de origem grega, pois os gregos não aceitavam a ideia de vazio. [...]

Temos um cérebro de réptil, temos o cérebro de mamífero e temos o cérebro mais racional, que é o córtex cerebral. Cada vez se vê mais a importância do cérebro de réptil. [...] Há uma diferença curiosa: na parte mais externa, o córtex, os impulsos são mais elétricos; já no velho cérebro de réptil, os impulsos são mais químicos. [...] Mas parece, por outro lado, que **as ideias mais profundas vêm do cérebro de réptil**. Este cérebro que a civilização ocidental se orgulha muito é o cérebro computador, a parte do cérebro que mais se parece com um computador, ao passo que as civilizações orientais dão muito mais importância ao cérebro de réptil, que é onde, provavelmente, surgem os sonhos e as intuições. (SCHENBERG, 2001 [1984], p. 31-32, 130-131, [grifo nosso]).

Sincronicamente à criação do primeiro departamento de “Filosofia Hermética” na Holanda, foi fundado nos anos 2000 no Rio de Janeiro o departamento de História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia da UFRJ. Sua abordagem transdisciplinar para pensar a historiografia da ciência e a encruzilhada dos saberes, vem se diferenciando no cenário acadêmico justamente por seguir este novo paradigma iniciado por Yates, aprofundando as relações entre ciência, magia, misticismo, razão, afetos, natureza e cultura. Não no sentido de explorar a história da ciência em busca daquilo que ela tenha de elementos para a contracultura, mas ao contrário: explorar a contracultura da ciência, em busca da história não contada do progresso científico.

Em suas aulas, bem como em suas publicações, o professor dr. Luis Pinguelli Rosa fazia questão sempre de desenhar muito bem as relações sociais que estavam em jogo por trás da produção (sempre interessada) de conhecimento (PINGUELLI ROSA, 2005, 2006). Em seu famoso artigo (ANDRADE, FABER & ROSA, 2013), o conceito de *éter* é resgatado desde a Grécia antiga até os tempos modernos, transitando entre magia, filosofia e ciência à medida que as técnicas, a linguagem e o conhecimento foram avançando.

Na tese de doutorado de Virginia Chatin (2009), somos confrontados com a possibilidade de pensar a *migração mimética* de conceitos entre um saber e outro, numa rede de racionalidades

múltiplas que define, a cada contexto, seu próprio critério de racionalidade. Sua proposta de uma epistemologia pluralista e permeável não deve ser confundida com o relativismo social tão em voga atualmente (“relativismo natural” ou “construtivismo social” das escolas francesas). Não se trata de defender múltiplas naturezas coexistindo simultaneamente, como se houvesse um universo paralelo para cada cultura.⁶ Trata-se de encontrar protocolos de tradução capazes de fazer transitar uma ideia, que floresceu num campo, mas que poderá frutificar em outro como algo inesperado. As disciplinas científicas, a magia, a religião, não podem mais ser pensadas assim como áreas distintas do saber. Cada “área” é na verdade um emaranhado de ideias provenientes das mais diversas fontes, formando entre si uma verdadeira rede conceitual em mimeses, isto é, onde cada parte pode ser contaminada pelo comportamento da outra, e como que por “contágio” mimético, uma ideia mágica se transforma em teoria, hipótese, solução, ao ser reapropriada e recombinação com outras ideias em outro contexto.

O exemplo que a epistemóloga brasileira se debruça é o de Newton. Comparando as passagens de Isaac Newton (1643 - 1727) quando este fala do espaço matemático, com as passagens do *Corpus Hermeticum* quando este fala do vazio, ela demonstra precisamente este mimetismo (sincretismo mágico) da física clássica em várias citações não referenciadas. A referência às fontes, na época de Newton, tratando-se de um manual egípcio de magia hermética, terminaria por colocar em total descrédito a sua obra matemática sobre a gravitação planetária. Mas hoje sabemos que sem o seu conhecimento hermético, astrológico e alquímico, Newton jamais teria encontrado as soluções criativas que ele propôs para os problemas do mecanicismo cartesiano.

Após comprar, mandar traduzir e estudar minuciosamente os manuscritos secretos de Isaac Newton, o famoso economista inglês John Maynard Keynes (1883 – 1946), realizou uma palestra na Royal Society britânica em 1942, onde expôs uma nova e impensável imagem de Newton:

A partir do século XVIII, Newton passou a ser visto como o primeiro e o maior dos cientistas da era moderna, um racionalista que nos ensinou a pensar segundo a razão fria e seca. Não o vejo sob esta luz. Não acredito que alguém tenha examinado o conteúdo daquela caixa que ele fechou ao deixar Cambridge em 1696 e que, embora parcialmente desfalcado, chegou até nós, possa vê-lo assim. Newton não foi o primeiro da Idade da Razão. Ele foi o último dos mágicos,⁷ o último dos babilônios e sumérios, a última grande mente a olhar para o mundo visível e intelectual com os mesmos olhos dos que continuaram a construir nossa herança cultural há pouco menos de 10.000 anos. Isaac Newton, um filho póstumo nascido sem pai no dia de Natal de 1642, foi a última criança maravilhosa a quem os Reis Magos poderiam prestar homenagem sincera e apropriada (KEYNES apud WHITE, 2000, p. 11).

⁶ Ver (WEIR, 2021) sobre a crítica de um professor indígena contra o relativismo natural praticado atualmente na antropologia, também chamado de “virada ontológica”. Segundo o autor, uma verdadeira contribuição do pensamento ameríndio para a cultura ocidental, não seria a de um relativismo absoluto, como querem seus defensores brancos, mas o contrário: a de uma busca pelo equilíbrio com uma natureza única, que passa necessariamente pelo resgate do comum e do coletivo (Nós), e não pela afirmação das diferenças individualizantes e segregadoras.

⁷ Discordamos quanto a este ponto, muitos outros mágicos depois de Newton continuaram sempre surgindo.

É neste mesmo sentido que, em outra tese do HCTE, o psicólogo Nelson Job (2013) propõe o conceito de transaberes para pensar as articulações entre a filosofia da diferença de Gilles Deleuze (1925-1995) com a tradição hermética, os postulados da esquizoanálise com os pensadores da magia e os filósofos do devir. Em seu artigo recente (JOB, 2022), fazendo jus à nossa afirmação de que os limites impostos pela epistemologia de Hanegraff não fazem sentido para um pensador brasileiro, reafirma a prática dos transaberes como um ato mágico de “bruxaria deleuzeana”, que tem como finalidade transformar o interlocutor pelo poder mágico de encantação da palavra. Se o “paradigma Hanegraff” fosse válido no hemisfério Sul, certamente é um filósofo da ciência que seria perseguido por “crime de magia”.

Assim também como nas pesquisas de Rogério Mandelli (2018) e Alexandre Valença (2019), onde somos confrontados com a história da lenta assimilação de antigas práticas mágicas pela ciência, como a meditação e os sonhos lúcidos. À medida que essas técnicas vão transitando das ordens iniciáticas para os laboratórios de psicologia e neurociência, estados mentais não ordinários considerados antes fantasiosos, fictícios ou mesmo “místicos”, começam a possuir agora correlatos neurais muito bem estabelecidos. No sentido de que podemos falar do misticismo arcaico como padrões energéticos específicos de funcionamento deste cérebro-corpo-mente que chamamos “humano” – uma experiência possível da condição humana e não simplesmente algo distante ou “alienígena” à prática do conhecimento da natureza.

Poderíamos continuar por várias páginas citando trabalhos semelhantes realizados no HCTE nas últimas duas décadas, mas nos atemos somente àqueles que tivemos a oportunidade de dialogar diretamente com o pesquisador, durante ou após a sua pesquisa.

Em paralelo à pesquisa de Yates, existe também o importante trabalho do físico, antropólogo e historiador senegalês Cheik Anta Diop (1923 -1986). Numa revisão monumental da bibliografia e dos novos achados arqueológicos, Diop (1974 [1955]; 2011 [1981]) reconta a história da civilização partindo da África para o Oriente, milhares de anos antes da civilização ocidental começar. Se havia dúvidas de que os egípcios e babilônicos eram capazes de pensamento abstrato e razão científica, o trabalho de Diop afasta qualquer preconceito desse tipo. Aquilo que os gregos chamaram de “filosofia” (amor ao conhecimento), os egípcios chamavam de “Mistérios” e os persas de “magia”. Sem uma elaboração epistêmica mais profunda, muitas técnicas que fazem parte da História das Ciências (no plural!) poderiam ser forçadas a ficar do lado de fora da história oficial.⁸

Indo neste mesmo sentido, mas agora sobre os julgamentos de bruxaria na Idade Média, os trabalhos pioneiros tanto de Stuart Clark (2006 [1997]), quanto de Silvia Federici (2017), mostram como a perseguição à bruxaria foi um dos pilares centrais de constituição da sociedade moderna, tanto em termos de criar uma metodologia de investigação que seria usada mais tarde

⁸ Sobre a influência do pensamento védico no racionalismo grego, podemos citar também “The shape of the ancient thought (MCVILLEY, 2002) e também “India in Greece” (POCOCKE, 1972).

no laboratório, quanto para destituir o saber-poder feminino da sua relação com o corpo, a terra, as plantas e os alimentos, impondo assim a hegemonia do dualismo cartesiano pelo patriarcado europeu, não somente com a força das ideias, mas pela violência inquisitorial da “caça às bruxas”.

4. Considerações finais

O motivo pelo qual o pensamento chinês, o indiano, o africano e o indígena entram na História das Ciências sempre apenas como “apêndice”, uma introdução genérica até chegarmos aos gregos, é tão somente porque a história que nos chegou até aqui foi escrita pelos vencedores das guerras do imperialismo global. Mas algo novo está para acontecer.

Em 2017, durante o 25º Congresso Internacional de História da Ciência e Tecnologia”, que tive o privilégio de participar da organização, realizado pela primeira vez no Hemisfério Sul na cidade do Rio de Janeiro, num esforço conjunto da FIOCRUZ com o HCTE (UFRJ), fomos surpreendidos com esta constatação: era também a primeira vez que a maioria dos integrantes do congresso não era composto por europeus, mas sim por orientais: muitos chineses e indianos. Ao longo das próximas décadas, muito material será produzido sobre a História das Ciências e das Técnicas nesses lugares, que durante séculos estiveram na frente do Ocidente em termos de desenvolvimento social e tecnológico. Mas uma boa parte deste material não vai ser facilmente encaixado numa História da Ciência mais ampla, sem um grande esforço epistemológico e linguístico, protocolos de tradução eficientes que deem conta de comunicar uma outra mentalidade. Boa parte da História das Ciências que será produzida neste século XXI, será facilmente interpretada como “História da Magia”.

Sob o pretexto de uma “purificação” epistêmica, boa parte da história das ideias e da criatividade humana é jogada no lixo ou embaixo do tapete. Mas uma historiografia que valoriza a rede conceitual em lugar das áreas de aplicação é capaz de descrever empiricamente, isto é, com base nos fatos históricos, sem concessão ideológica, como ambas as histórias são uma só e mesma narrativa. A ciência não apenas nasceu na magia, como continua imersa no pensamento mágico e progressivamente volta a ele, seja para confrontá-lo, seja para beber em sua fonte.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ANDRADE, E. M. P.; FABER, J.; PINGUELLI ROSA, L. **A spontaneous Physics Philosophy on the Concept of Ether Throughout the History of Science: Birth, Death and Revival**. Springer Science+Business Media Dordrecht, 2013. p. 559-577.

BICHARA, M. R. R. **Luz que veio de Aruanda: mediunidade e sincretismo na Umbanda**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Psicologia (PPGPSI/UFRRJ), 2015.

BICHARA, M. R. R.; SILVA, N. S. Religião, medicina e inquisição: um ensaio sobre os conhecimentos que circulam nas tradições afro-brasileiras. In: **Educação não formal em espaços religiosos: relações entre ciência, educação e religião**. Org: Lana Fonseca. Belo Horizonte: Editora Venas Abiertas, 2019.

CHAITIN, V. M. F. G. **Redes conceituais em mimeses na história das ideias: proposta de uma epistemologia pluralista**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ), 2009.

CLARK, S. **Pensando com demônios: a ideia de bruxaria no principio da Europa moderna**. São Paulo: EDUSPE, 2006 [1997].

DIOP, C. A. **A unidade cultural da África negra: esferas do matriarcado e do patriarcado na Antiguidade Clássica**. Portugal: Edições Pedagogo, 2014 [1982].

_____. **The African origin of civilization**. Estados Unidos: Lawrence Hill & Co., 1974 [1955].

_____. **Civilization or barbarism**. Estados Unidos: Lawrence Hill Books, 2011 [1981].

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1912].

ELLENBERGER, H. **The discovery of the uncouncious**. London: Fontona Press, 1994 [1970].

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa**. Editora Elefante, São Paulo, 2017.

FRAZER, J. G. **O ramo dourado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GRAZIANO, W. **Hitler ganhou a guerra: O poder econômico e o jogo de interesse por trás das relações internacionais**. Tradução de Eduardo Fava Rubio. São Paulo: Editora Palíndromo, 2005.

HANEGRAAFF, W. J. **Beyond the Yates Paradigm: the study of western esotericism between counterculture and the new complexity**. Aries (Brill) v. 1, nº 1, Leiden, p. 05-33, 2001.

_____. **New Age religion and Western Culture: esotericism in the mirror of secular thought**. Leiden/New York /Köln: Brill, 1996.

_____. **The roll of gnosis in western esotericism.** Palestra na Universidade da Holanda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XwQ4G-CoToU&t=612s>. Acesso em: 21/09/2022.

JOB, N. **Ontologia Onírica: confluências entre arte, ciência, filosofia e magia.** Rio de Janeiro: Cassará, 2013.

_____. **Conjurando uma bruxaria deleuzeana: vida-vortex-devires.** 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/41363795/Conjurando_uma_Bruxaria_Deleuziana. Acesso em 07 de setembro de 2022.

JUNG, C. G. **Cartas.** Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **A energia psíquica.** In: Obras Completas v. VIII/1. Petrópolis, Vozes: 2010 [1928].

_____. **Mysterium coniunctionis.** Obras Completas. V XIV/2. Petrópolis: Vozes. 1990 [1956].

LEVI, E. **História da Magia.** São Paulo: Editora Pensamento, 2019 [1859].

MANDELLI, R. **Consciência criadora: perspectivas e convergências entre filosofia e ciência. Tese de doutorado.** Programa de Pós-graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ), 2018.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 1996 [1950].

MCVILLEY, T. **The shape of ancient thought: comparative studies in Greek and Indian philosophies.** New York: Allworth Press, 2002.

PINGUELLI ROSA, L. **Tecnociências e humanidades: novos paradigmas, velhas questões. O determinismo newtoniano na visão de mundo moderna.** Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Tecnociências e humanidades: novos paradigmas, velhas questões. A ruptura do determinismo, incerteza e pós-modernismo.** Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

POCOCKE, E. **India in Greece.** Delhi: Pataudi House, 1972.

SANTOS, B. S. **O fim do Império Cognitivo – afirmação das epistemologias do Sul.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SCHENBERG, M. **Pensando a física.** São Paulo: Landy Livraria Editora, 2001 [1984].

TYLOR, E. B. **Primitive Culture.** London: John Murray, Albemarle Street, W. 1920.

STUCKRAD, K. V. **The scientification of religion: an historical study of discursive change (1800-2000).** Berlim: Walter de Gruyter, 2014.

VALENÇA, A. **Sonhos Lúcidos: Pesquisa Online, Desenvolvimento de Habilidades e Terapias. Uma abordagem interdisciplinar.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ), 2019.

WEIR, J. A. Q. **Da “virada ontológica” ao Tempo de Volta do Nós.** Amazônia Latitude. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/tag/virada-ontologica/>. Acesso em 11/10/2022.

WHITE, M. **Isaac Newton: o último feiticeiro – uma biografia.** São Paulo: Editora Record, 2000.

YATES, F. **Giordano Bruno e a tradição hermética.** São Paulo, Cultrix, 1964.